

O caso do bolo envenenado entre o ficto e o facto: percursos intertextuais na mitologia do arsênico¹

Fábio de Carvalho Messa²
Universidade Federal do Paraná – UFPR Litoral

Resumo

Este trabalho acompanhou o Caso do Bolo Envenenado, a partir da cobertura do jornal Zero Hora, de Porto Alegre, realizada entre dez/2024 e fev/2025, constituindo o corpus principal da pesquisa. A história consistiu na morte de quatro pessoas da mesma família - o sogro, sobrinha, duas irmãs da sogra - de Deise Moura dos Anjos que, numa manobra ardilosa, colocou arsênico na farinha do bolo de reis, servido na véspera de Natal. O processo investigativo foi batizado pela polícia de Operação Aqua Tofana. E foi a partir desta informação sùgnica e do elemento químico arsênio que se resolveu especular e discutir sobre a rede intertextual e as relações de sentido circunscritas à interpretação do caso. Depois da análise do conteúdo das reportagens, destacamos tópicos de similaridades com enredos e núcleos dramáticos da ficção policial de Agatha Christie.

Palavra-chave: jornalismo investigativo; literatura policial; reportagem; arsênico; intertextualidade.

Introdução

No dia 23 de dezembro de 2024, a família se reuniu à tarde para provar o bolo de reis, feito por Dona Zeli (61). Logo começaram a passar mal e todos foram socorridos com sintomas que inicialmente pareciam ser de intoxicação alimentar. No dia seguinte, as duas irmãs de Zeli, Neuza Silva (65), e Máida Silva (59), morreram por complicações. E no dia de Natal, a filha de Neuza, Tatiana Silva (47), também faleceu. O filho dela, (10), permaneceu internado, assim como Zeli.

Nos exames feitos nas vítimas havia grandes concentrações de arsênio no sangue, substância tóxica usada na fabricação de pesticidas. A presença do veneno chamou a atenção das autoridades, que logo começaram a investigar o caso, pois não era intoxicação alimentar, era homicídio.

¹ Trabalho apresentado no GP Gêneros Jornalísticos, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Teoria Literária, professor do Curso de Linguagem e Comunicação da Universidade – UFPR Litoral. E-mail: fabiomessa@ufpr.br.

Poderia ter sido o crime perfeito. Mas alguma coisa falhou. Deise Moura dos Anjos, a nora de Zeli, nunca suportou família de seu marido. Invejava a harmonia e o engajamento de sua sogra com as irmãs e com a sobrinha. Odiava a sogra, ambicionava matá-la. Resolveu armar a seguinte situação: colocaria arsênio na farinha de trigo para que a própria sogra fizesse o bolo de Reis, e esta, morrendo, poderia também ser incriminada.

De 24 de dez/2024 a 13 de fev/2025, o jornal Zero Hora passou a reportar diariamente o Caso do Bolo Envenenado. O Instituto Geral de Perícias desempenhou a atuação técnica na elucidação do caso, em Torres/RS. Três pessoas da mesma família morreram após ingerir o alimento com altas doses de arsênio nas vésperas do Natal. Com equipes multidisciplinares, atuando de maneira integrada, foram realizadas necropsias, análises químicas e toxicológicas.

A suspeita do crime, Deise Moura dos Anjos, foi presa no dia 5 de janeiro de 2025, quando iria responder por quatro homicídios triplamente qualificados, além de três tentativas de homicídio. O quarto caso refere-se ao sogro que, após ter tido o corpo exumado, foi comprovado que também ingeriu arsênio em setembro de 2024. Mas Deise foi encontrada morta em sua cela na prisão, na Penitenciária Estadual Feminina de Guaíba/RS, na manhã do dia 13 de fevereiro de 2025. Isso tudo acabou gerando a extinção da punibilidade e, portanto, o arquivamento do caso.

Metodologia

O arsênio, produto e signo, serviu de eixo temático e exploratório para a pesquisa. O caso factual apresenta muitas similitudes com enredos da ficção policial de Agatha Christie, cujos romances apresentavam inúmeros assassinatos muitas vezes gerados por envenenamento por arsênico como em *É Fácil Matar* (1939), *Morte na Praia* (1940), *Depois do Funeral* (1953) e *Cai o Pano* (1976).

Outro aspecto que norteou esta análise contigua entre narrativa jornalística e narrativa ficcional é o nome da Operação Aqua Tofana. Sabe-se que este veneno já titulou dois outros livros: *Aqua Tofana* (2024), de Cathryn Kemp, que romanceia a história do veneno utilizado por mulheres italianas para eliminar maridos abusivos, e *Acqua Toffana* (1994), o livro de estreia da escritora e roteirista paulista Patrícia Melo, que também se remete ao mesmo veneno do século 17.

Fundamentação teórica

O viés analítico sobre os textos é permanentemente semiótico, a partir das contribuições de Umberto Eco e Roland Barthes, no que diz respeito às ocorrências sígnicas, deslizamentos de sentido e pressupostos teóricos sobre mitologias. O tratamento dado à leitura dos textos jornalísticos e literários teve como respaldo a fortuna crítica sobre gêneros jornalísticos, jornalismo investigativo, jornalismo e literatura e romance-reportagem.

Análise

Entre o factual (reportagens do jornal Zero Hora) e o ficcional (textos de Agatha Christie) identificamos muitas analogias, já que o caso tratava de um crime planejado. A diferença está na modernidade tecnológica, coisa que não havia no contexto da literatura policial britânica. O crime de Deise Moura não foi perfeito, porque o seu telefone celular encarregou-se de registrar tudo: pesquisas sobre arsênio, encomenda, pagamento e recebimento do produto e mensagens comprometedoras com algumas vítimas e pessoas adjacentes.

As motivações passionais do crime, assim como o efeito serial também se assemelha bastante às tônicas do enredos dos romances de Agatha Christie. O fato da sogra ter sido sempre o alvo principal, por duas tentativas, mas sua eliminação nunca alcançada, reforça bem o estado de desespero da acusada quando faz a passagem ao ato dentro da cela.

Conclusão

Antes de ser presa, na certeza de sua impunidade, Deise ainda foi visitar a sogra no hospital, logo após o envenenamento, levando-lhe pastel e chocolates. Os demais parentes, já muito desconfiados, não deixaram a vítima ingerir os alimentos, que também foram apreendidos e encaminhados à perícia. Deise já estava também sendo investigada pela morte do próprio pai. José Moura (67), que em 2020 faleceu, supostamente, por cirrose.

O estatuto semiológico de uma personagem como Deise Moura revela emblemática e inspiradora importância para compor narrativas de ficção policial, pois carrega consigo muitos atributos que corroboram para um perfil criminológico substancioso.

Referências

BARTHES, Roland. *Mitologias*. São Paulo: Difel, 1994.

BELO, Eduardo. **Livro-Reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006

CHAPARRO, Manoel Gomes. **Pragmática do Jornalismo - buscas práticas para uma teoria da ação jornalística**. São Paulo: Summus, 1994.

CHRISTIE, Agatha. **Depois do Funeral**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

_____. **É Fácil Matar**. 4ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

_____. **Morte na Praia**. 6ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1976.

ECO, Umberto. *A Estrutura Ausente*. São Paulo: Perspectiva, 1991.

HARKUP, Kathryn. **Dicionário Agatha Christie de Venenos**. Rio de Janeiro: Darkside, 2020.

KEMP, Cathryn. **Aqua Tofana**. Rio de Janeiro: Darkside, 2024.

MELO, Patrícia. **Acqua Toffana**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

O CASO DO BOLO ENVENENADO – RBS.DOC. Coordenação Geral: Juliana Maciel. Porto Alegre: GloboPlay, 2025. (80 min.)

ZERO HORA. Edições diárias de 24/12/2024 a 13/02/2025.